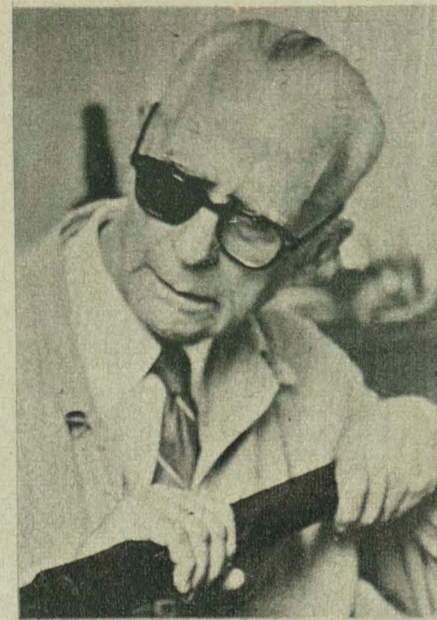


Alaketu, Carybé respeita, em cada prancha, as armas e animais litúrgicos de cada divindade. Babá (papai) Abaolá, pertencente ao culto de Xangô, deus do raio, do fogo e do trovão, como é o deus mais secreto, menos conhecido dos turistas e dos leigos, em sua sede, na ilha de Itaparica, surge velado, com um manto que lhe cobre a cabeça e com um espelho redondo no peito. O carneiro é sua comida preferida, por isso um carneiro estilizado está a seus pés, desenhado de perfil.

Ogun, deus da guerra como Marte na mitologia greco-romana, tem três sóis talhados sobre sua cabeça e aparece de pé, empunhando uma espada afiada. Incrustados no centro da figura, ferros, correntes, badalos, peças de alumínio e pregos. Além da virilidade e da valentia cruel de Ogun, Carybé exprimiu também seu caráter livre e selvagem, aparentando-o no aspecto com um homem do cangaço que vagabundeia espalhando violência por onde passa. Oxun, deusa do dengue, da elegância, da riqueza, abana-se, faceira, com um leque de prata, que combina com a máscara de prata sobre seu rosto. Hierática e sensual ao mesmo tempo, a não ser pelas ancas excessivamente largas, poderia ser uma figura egípcia do Antigo Império ornada de colares e pulseiras pesadas.

Arte negra — As esculturas dos deuses Ibeji denotam mais claramente a influência da arte negra da África: êsses gêmeos, que no sincretismo religioso baiano correspondem a Cosme e Damião do catolicismo, assemelham-se às máscaras do Congo estilizadas que tanto entusiasmo despertaram em Picasso em seu período cubista. Ifá, deusa da adivinhação, uma espécie de pitonisa negra, atira com a mão direita cocos de dendê que usa para suas profecias, interpretando sua disposição no chão.

Essa multiplicidade de gêneros exemplifica a riqueza dessas esculturas solenes, requintadas, que vão de um primitivismo voluntário a um quase abstracionismo. Mas Carybé, sorridente, os olhos azuis brilhantes, nega qualquer afastamento do figurativo: "Com tanta técnica mandando por aí, não quero nada com a arte abstrata. Quero só recordar ao homem, neste mundo de máquinas, que os bichos, as plantas, os corpos e os rostos humanos são ainda as grandes determinantes não só da arte mas da própria vida que a arte celebra, essa pureza do candomblé massacrada dia a dia pelo turismo e pela transformação da Bahia em grande metrópole. É isso que eu mostro uma última vez antes que o 'progresso' e o lucro soterrarem êsse mundo de beleza, poesia e força que se encerra no candomblé autêntico e original".



Carlos Oswald e uma das gravuras da série de bois, feita na Itália

Um esquecimento

Durante cerca de sessenta anos à margem dos movimentos modernistas brasileiros, Carlos Oswald morreu quase anônimo há poucos meses, embora tenha sido um dos introdutores da gravura em metal no Brasil. Sua obra, conhecida apenas no meio de artistas e colecionadores, nunca foi muito divulgada. E, agora, foi só numa das filiais da Aliança Francesa, no bairro de Botafogo, Rio, que sua família conseguiu expor cerca de quarenta de seus desenhos e gravuras.

Nascido em Florença, filho de um vendedor de pianos, Carlos Oswald he-

sitou durante algum tempo entre as artes plásticas e a música, antes de fixar-se na gravura. Estudou na Europa e no Brasil, vindo para cá definitivamente em 1913. Dessa época até a morte, sua carreira de eventuais prêmios foi tranqüila, em quase nada influenciada pela evolução da pintura e gravura brasileiras.

Um pai a descobrir — A exposição de agora dá uma excelente idéia dessa carreira em que não se distinguem fases. A fineza da linha e a segurança do desenho, principalmente nos retratos e nas figuras de animais, são fora de época, como a personalidade do artista. Algumas gravuras, coloridas com uma ligeira aquarela, mostram todo o requinte de sua técnica intimista, pouco preocupada em efeitos espetaculares. Mais que fases diversas, vê-se na exposição a persistência de diferentes temas na obra de Carlos Oswald. Os retratos (quase todos de membros de sua família), as gravuras de palmeiras e as gravuras de bois, feitas na Itália, revelam o cuidado com que estudava e voltava a estudar o mesmo tema, até encontrar a linha certa e o tom exato.

Ao contrário de outros artistas de formação impressionista, que tentaram evoluir sem tentar mais que trair suas raízes, Carlos Oswald parece ter preferido o retraimento e a fidelidade ao mundo que conheceu. É um mundo tranqüilo, pelo qual as guerras parecem não ter passado e onde ainda há tempo para se contemplar a natureza e desenhá-la com cuidado. Deverão descobri-lo dentro de alguns anos, como aconteceu tardiamente com todos os impressionistas brasileiros. Então, será feita uma grande retrospectiva daquele que seguramente se chamará o "pai da gravura brasileira".



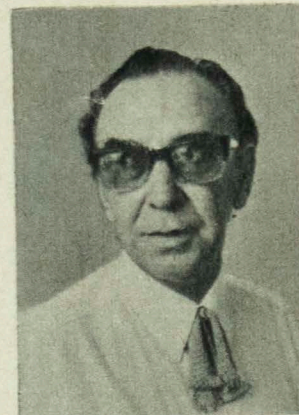
Palmeiras: um dos temas sempre estudados

ARTE

Uma surpresa

Poucos sabiam que Edson Motta, um dos melhores experts brasileiros em pintura, era também pintor. Com sua exposição na galeria Copacabana Palace, Rio, a primeira que realiza desde 1954, quando participou da Bienal de São Paulo, ele não só lembra que também pinta, como também prova que pinta bem. Algumas paisagens e cenas de rua, um retrato, umas poucas naturezas mortas e duas ou três cenas onde aparecem personagens são o resultado de sua atividade dos últimos anos, quase todos dedicados à restauração de pinturas, na Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

De tanto lidar com a pintura dos mestres e de prestar atenção em seus detalhes, Edson Motta (que teve também estudos nos Estados Unidos e leciona na Escola Nacional de Belas-Artes desde 1951) ganhou um conhecimento profun-



Edson Motta

do do que é qualidade. E suas telas são exatamente a demonstração dessa técnica e dêse bom gosto, a serviço de uma imaginação que não é, nem procura ser, original.

Segurança e prazer — Quando se prende à realidade



"Paisagem Mineira Número 3": a reprodução com sensibilidade

que contempla, Edson Motta reproduz com sutileza e sensibilidade o que tem à frente. Quando cria cenas, em geral de inspiração religiosa, começa a perder-se num clima emocional que não domina.

Quando suas paisagens tornam-se abstratas, tudo o que era bom gosto e contido transforma-se em falta de imaginação e as manchas de cores baixas não conseguem substituir a delicadeza dos campos e das ruas de Minas Gerais, onde o artista nasceu e de onde trouxe a contensão de seus gestos e de sua pintura.

Mas, das 27 telas expostas, só umas poucas pecam por abstratas ou emocionais. A quase totalidade da exposição compõe-se de paisagens tranquilas, nas quais Edson Motta passeia seu pincel com segurança e com prazer de pintar indistigável. Pintura para pintores, mais do que para um público apressado, a de Edson Motta é uma surpresa não só pela qualidade, como pelo fenômeno que é passar a vida mexendo com obras alheias sem perder a personalidade.

Por mais que seja erudito, ele não faz uma pintura erudita, que deva sua qualidade à lembrança de outros artistas. Só em um quadro, o retrato de uma menina, percebe-se uma influência de Guignard. Nos outros todos afirma-se a personalidade aparentemente apagada, mas na realidade cheia de vitalidade, de um pintor que, na verdade, sabe o que faz.



JEAN SOLARI

Carybé ou obá Otum Onã Shocum

Feitiço de Carybé

Em certos terreiros da Bahia, não sabem quem é Carybé, mas se falarem no obá Otum Onã Shocum, um dos doze ministros de Xangô, as mães e pais-de-santo abrem logo um sorriso: "Conheço, sim, está sempre aqui com a gente". Nascido na Argentina, brasileiro naturalizado desde 1957 e tão baiano "quanto Iemanjá e o Pelourinho", na opinião de seu amigo Jorge Amado, Héctor Barnabó, ou obá, ou Carybé, sessenta anos, superou seu próprio nível altíssimo de criação artística com os 27 painéis de cedro exibidos desde a semana passada no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Encomendadas pelo Banco da Bahia, de Salvador, estas figuras de 3 metros de altura compõem o mundo do candomblé que o fascinou desde sua primeira visita à Bahia. Como no aeroporto Kennedy, em Nova York, onde sobre os portões de embarque de 1 a 16, ele misturou nos imensos painéis a óleo várias outras técnicas, nestes murais talhados no cedro canela-claro ele aplica tiara de prata, cacos de espelho, engastes de ouro, ferro, botões.

Fidelidade — Nestes verdadeiros vitrais de uma catedral do candomblé afro-brasileiro, variam também os estilos iconográficos. Pesquisando cada um dos orixás — deuses africanos aclimatados no Brasil pelos escravos trazidos de Angola —, junto aos chefes de culto como Menininha do Gantois e Olga do

continua na página 80

VEJA



Ogun, deus da guerra

25/8/71



Ifã, deusa da adivinhação